

A SOLIDÃO NA INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA: DILEMAS E DESAFIOS

Solitude in contemporary childhood: dilemmas and challenges

SORAYA MARIA PANDOLFI KOCH HACK¹

RESUMO: Este artigo é fundamentado na teoria do amadurecimento de Donald Winnicott, que destaca a jornada da dependência à independência no desenvolvimento da criança, no que diz respeito à constituição do *self*. Enfatiza-se a importância da aquisição e do uso pleno da capacidade de estar só, estado que é adquirido naturalmente por meio da interação com o meio facilitador, num contexto de confiabilidade. Apresenta-se também a distinção entre a sofisticada *capacidade de estar só* e o sentimento de solidão. Reflete-se especialmente neste artigo o quanto algumas crianças na atualidade são exigidas ou estimuladas precocemente a atingir esta posição do “estar só”, sem respeito ao seu estágio, ou à sua maturidade, em diversos contextos familiares e/ou sociais. Tais situações acabam por despertar na criança um sentimento de solidão, desamparo e/ou uma incapacidade de estar só.

PALAVRAS-CHAVE: Maturidade. Capacidade de *estar só*. Solidão.

ABSTRACT: This article is substantiated on the maturing theory by Donald Winnicott, and gives light to child’s journey of development, from being dependent to become independent, as far as the establishment of the *self* is concerned. The importance of acquisition and the full use of the ability of being alone – a condition, which is acquired naturally through interaction with the facilitator, in a trust context, are also emphasized. A distinction between the sophisticated *ability to be alone* and the feeling of solitude is presented, as well. In this article, it is particularly reflected how much some children, nowadays, are demanded or stimulated, prematurely, to achieve this stance “to be alone”, regardless their stage, or their maturity, in a number of familiar and/or social contexts. Such situations end up awakening in the child a sense of solitude, abandonment and/or inability to be alone.

KEYWORDS: Maturity. *Ability to be alone*. Solitude.

“As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes.”
(Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*)

¹ Psicóloga. Psicoterapeuta de orientação psicanalítica. Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS). Vinculada ao IPSI. Membro do Grádiva Grupo Atlântico de Psicoterapia Psicanalítica (GGAPP). E-mail: sohack@uol.com.br.

Partindo da frase retirada do livro *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, proponho refletir sobre os muros ou pontes que estamos construindo e oferecendo às nossas crianças, no decorrer de seu desenvolvimento. Entendo que a ponte é uma espécie de espaço potencial e transicional que conecta o mundo interno ao mundo externo, promovendo o gesto espontâneo. Por outro lado, entendo o muro como um bloqueio, a não comunicação, gerando poucas trocas afetivas e criativas, levando em última instância a um empobrecimento e um isolamento do *self*. E aí vamos encontrar um sentimento de solidão.

O texto de Winnicott (1988) sobre “A capacidade de estar só” (1958) abriu um caminho sábio para distinguirmos a solidão decorrente do isolamento do *self*, por uma impossibilidade de comunicação, do estado de solidão confiável, fruto da conquista elaborada da capacidade de estar só na presença do outro. Diria que a verdadeira capacidade de estar só, desenvolvida na base da confiança, também pode ocorrer na ausência do outro. A solidão por isolamento do *self* é a solidão do muro, da qual nos fala o Pequeno Príncipe, e, ao contrário, a conquista da capacidade de estar só é possibilitada pela ponte.

É importante entender e distinguir bem estas duas faces do estar só. Com isso, pretendo inicialmente descrevê-las com mais detalhes, para posteriormente focar especificamente na solidão na infância e nas vulnerabilidades no contexto atual.

A solidão e a capacidade de estar só

De uma forma geral, o sentimento de solidão é fonte inspiradora de reflexões das mais diversas áreas das ciências humanas e sociais. A palavra solidão “tem origem no latim *solitudnem*, *solus*... Refere-se à qualidade de estar sem ninguém, ou seja, sozinho” (Veschi, 2019, n. p).

Fernandes (2018), no seu texto “Solidão: um passeio nas origens”, aborda o sentimento de solidão como

... o mais temido pela humanidade, junto do medo da morte e da loucura. Ocupa um lugar especial na psicanálise por ser considerado um sentimento inato que, além de nos acompanhar por toda a vida, tem suas raízes na mais tenra infância e é fruto dos processos de separação e perda na constituição, desenvolvimento e diferenciação do psiquismo. (Fernandes, 2018, p. 29)

De uma forma geral, a solidão é apreciada a partir de dois pontos de vista: um negativo, que resulta em sofrimento, provocando tristeza, melancolia e/ou potencializando patologias mais graves. Neste caso, há empobrecimento de *self*. Há também a solidão positiva, que desfruta da tranquilidade para refletir, pensar, meditar, conhecer-se e sentir-se livre para liberar seu lado criativo. Este é o caso dos artistas, cuja solidão é um caminho para a criatividade e costuma ser inspiração de suas obras. Para Quinodoz (1993), citado por Fernandes (2018),

existe uma condição que reúne solidão, criatividade e sentimento de identidade, um condicionando o outro.

A solidão desfrutada ou aproveitada criativamente é a que podemos conectar com as concepções de Winnicott sobre a capacidade de estar só. Este estado sublime de poder ficar só na presença do outro é uma conquista sofisticada, fruto de um processo que é plantado desde o início da vida.

Conforme Winnicott (1990), em seu livro *Natureza humana*, “o estado anterior ao da solidão é um estado de não estar-vivo” (p. 154). “No princípio, há uma solidão essencial” (Dias, 2003, p. 151). O indivíduo desenvolve-se a partir de um ovo. E emerge não do inorgânico, mas da solidão. “Este estado surge antes do reconhecimento da dependência, entendendo-se a dependência como ocorrendo em relação a uma confiabilidade absoluta.” (Winnicott, 1990, p. 155).

Para Winnicott (1988), à medida que a criança amadurece vai desenvolvendo a capacidade de estar só, que se constitui em um paradoxo: é a capacidade de estar só na presença de outra pessoa. Essa capacidade tem suas raízes na relação precoce com a mãe, num contexto de afinidade egoica. Com o tempo, o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e se torna capaz de ficar só sem o apoio frequente da mãe ou objeto transicional. Portanto,

... maturidade e capacidade de ficar só significam que o indivíduo teve oportunidade através de maternidade suficientemente boa de construir uma crença num ambiente benigno. Essa crença se constrói através da repetição de gratificações instintivas satisfatórias. (Winnicott, 1988, p. 34)

Primeiro o bebê vive uma relação unopessoal (de narcisismo), passando pela relação bipessoal (diádica – mãe e filho) e depois a relação tripessoal (triádica – edípica). Para o autor, a capacidade de estar só acontece depois do estabelecimento de relações triádicas (Abram, 2000; Winnicott, 1988). Para escrever esse pressuposto, Winnicott aproveita a concepção de objeto interno bom de Klein e os sentimentos despertados pela cena primária referida por Freud.

Antes de chegar às relações triádicas e edípicas, o “Eu estou só” passa por três estágios: o estágio do EU representa a emergência do *self*. “Caracteriza-se pelo bebê já ser capaz de poder estabelecer a diferença entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’” (Abram, 2000 p. 250). O estágio posterior é do EU SOU, entre três e seis meses, e diz respeito à posição depressiva de Melanie Klein e ao estágio de preocupação de Winnicott. A partir dos seis meses se instaura a fase do EU ESTOU SÓ. Há reconhecimento, por parte do bebê, da existência continuada da mãe que é confiável. É possível para o bebê estar só e obter prazer disso por um período de tempo limitado (Abram, 2000; Winnicott, 1988).

É somente quando está só (e na presença de alguém) que a criança pode descobrir “sua vida pessoal própria” (Winnicott, 1988, p. 35). O indivíduo que desenvolveu a capacidade de estar só está capacitado a redescobrir o impulso pessoal, sempre que alguém esteja por perto (Abram, 2000; Winnicott, 1988).

“A capacidade de estar só não deve ser confundida com separação. O sentimento de solidão, por sua vez, aponta para uma lacuna na experiência de estar

só na presença de uma mãe/outro fundamental” (Abram, 2000, p. 248). Nesse caso houve uma falha da experiência de afinidade egoica com a mãe. Uma saída para isso seria o retraimento, um isolamento para preservar o núcleo do *self*. De acordo com a teoria de Winnicott, o indivíduo, ao viver inicialmente vários impactos, acaba se afastando da relação com os outros, necessitando isolar-se para preservar o núcleo do *self* de uma violação (Abram, 2000). Podemos dizer que esse indivíduo não desfruta do estar só, mas segue solitário.

O contexto atual

Independentemente da sua estruturação de *self*, a criança segue o curso de seu desenvolvimento, estando integrada ou desintegrada, espontânea ou retratada, tendo atingido a capacidade de ficar só ou ficando numa posição solitária. Assim, por alguns anos ela vai continuar a necessitar de um grau de adaptação ativa às suas necessidades providas pelo ambiente que inclui também o pai. Marcada pelas experiências precoces, de qualquer forma “a criança precisa sair do colo da mãe, mas não daí para o espaço sideral: este afastamento deve dar-se em direção a uma área maior, mas ainda sujeita a controle” (Winnicott, 1997, p. 132).

Em seu texto intitulado “Família e maturidade emocional”, Winnicott (1997) escreve que

... há indivíduos que pulam uma ou duas etapas, atingem a maturidade antes da idade esperada e estabelecem-se como indivíduos numa época em que deveriam estar mais dependentes... Devemos ter como certo que o indivíduo só possa atingir sua maturidade emocional num contexto em que a família proporcione um caminho de transição entre o cuidado dos pais (ou da mãe) e a vida social. E deve-se ter presente que a vida social é em muitos aspectos uma extensão das funções da família. (Winnicott, 1997, p. 136)

E é nesse ponto de minha reflexão que passo a discorrer sobre um aspecto bem preocupante que vem acontecendo com as crianças no contexto desta vida moderna. Estou convencida de que cada vez mais os jovens têm sido estimulados a ficarem mais independentes mais cedo do que estariam preparados e, assim, solitários precocemente.

Para Aquino (2015), estamos assistindo a uma espécie de desaparecimento da infância, com adulez precocemente induzida. A fase da inocência, da dependência, da insegurança e da ignorância dos segredos do mundo e da vida parece que vem desaparecendo rapidamente, caracterizando “as infâncias dos tempos pós-modernos” (Aquino, 2015, p. 431).

Vivemos hoje num contexto de fragilização das funções parentais. Há uma variedade infinita de modalidades de arranjos e organizações familiares, mas nem todas duradouras. Além disso, os pais sentem culpa, dúvida e insegurança em relação ao próprio posicionamento. Observa-se uma dificuldade crescente

dos pais em dizer não, esperando que o social venha ratificá-los em seu dizer (Zanetti & Gomes, 2011). Roudinesco (2003), citado por Zanetti e Gomes (2011), comenta que a família contemporânea apresenta-se sem hierarquia nem autoridade, na qual cada um se sente autônomo.

Esses pais não conseguem responder às reais necessidades dos filhos e proporcionam às suas crianças a “percepção de mundo como um lugar pouco confiável” (Zanetti & Gomes, 2011, p. 499). A consequência é o aumento da tendência antissocial, buscando o jovem por uma provisão ambiental perdida.

Conforme Zanetti e Gomes (2011), “o adulto acaba por recusar a sua responsabilidade diante deste mundo, negando à criança a possibilidade de ser introduzida nele” (p. 498). Ou seja, como dizia no início de minha exposição, alguns pais não estão possibilitando a construção de pontes, mas sim de muros e escudos, na medida em que a criança se vê precocemente enfrentando situações e decisões para as quais ainda não está preparada.

Assim, estou de acordo com Aquino (2015), quando diz que estamos vivendo uma mutação, uma “irrupção da infância como experiência da solidão” (p. 427).

A solidão da criança

Quando estava iniciando a escrita deste trabalho e pensando nas diversas situações difíceis pelas quais as crianças no geral vêm enfrentando, caiu em minhas mãos um livro intitulado *A solidão da criança*. Parece que Francesco Tonucci (2019), o autor do livro, que é pedagogo e cartunista, captou meu pensamento. Pude encontrar ali retratadas as diversas situações que também observo em minha clínica e na vida cotidiana. E na sequência de minha exposição vou me utilizar de algumas reflexões do cartunista.

Inicialmente, ele nos fala que o nosso século é o século da criança, pois, há décadas, muitas crianças morriam nos primeiros meses, não chegavam a frequentar a escola, executavam serviços pesados ou insalubres, passando por humilhações. Logicamente, entendo que algumas dessas situações seguem acontecendo, passíveis de denúncias e punições pelos adultos responsáveis.

No século passado, Winnicott (1997) também dizia que houve melhoras nos últimos anos, no que diz respeito ao cuidado da criança. Segundo suas palavras,

Hoje, não é raro vermos maternidades onde os bebês permanecem em berços ao lado de suas mães. Não necessito descrever em detalhe a horrível alternativa a isso, que já demasiado conhecida: o bebê sozinho no berçário, trazido ao quarto na hora de mamar e empurrado de encontro ao seio da mãe perplexa e até amedrontada... Há hoje uma certa tendência a permitir que os pais permaneçam em contato com seus filhos recém-nascidos ou pequenos que por azar precisam passar algum tempo no hospital. (Winnicott, 1997, p. 34)

Tonucci (2019) cita que o ano de 1997 foi escolhido, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), como o ano internacional da criança, quando

se passou a olhar mais para ela. Fala-se hoje em direitos das crianças, direito à educação, direito à parentalidade garantida por lei. Passou-se a estudar muito o desenvolvimento infantil. Organizam-se congressos sobre o tema, também se escrevem muitos livros sobre a infância. Mas, em paralelo a essas constatações, Tonucci destaca que na vida moderna observam-se vários contextos na contramão, que fazem a criança sentir-se só ou sobrecarregada. O autor identifica várias situações vulneráveis ao sentimento da solidão, que cabe citar.

Conforme suas observações, a criança é solitária: quando é um filho único que vive de forma a não ter com quem interagir e é muito exigido pelos pais em suas expectativas. Quando é fechada em sua casa-fortaleza, pelo medo dos adultos, dos assaltos, da violência. “Fora de casa não existe mais o mundo fascinante do pátio, da calçada, das plantas e dos animais do parque. Existe o perigo, a proibição” (Tonucci, 2019, p. 48). Quando fica sem um tempo para si próprio. Quando o tempo livre desaparece, substituído por outros deveres ou por outras obrigações: escola de inglês, escola de música. Acrescento futebol, ballet, robótica e tantos outros. “O pouco tempo livre que sobra à criança é da televisão” (Tonucci, 2019, p. 70). Esta passou a ser a nova babá, comunicando à criança a sua proposta e a sua filosofia. Nesse sentido, penso na realidade virtual tão presente para as crianças e adolescentes na atualidade. Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2012) alertam que o ser humano, em alguns contextos, pode se tornar mais solitário com o uso dos novos meios de comunicação e o desenvolvimento da robótica.

Tonucci (2019) nos diz que brincar é “inventar e construir, e não somente usar os brinquedos” (p. 82). Encontro aí uma conexão com as concepções sobre criatividade na teoria winnicottiana, que ressalta a importância do gesto criativo e espontâneo como elemento de saúde, manifestando-se num espaço potencial onde os pais estejam inicialmente presentes. O pedagogo e cartunista Tonucci (2019) constata que hoje a criança, em vez de brincar, está se transformando em uma criança possuidora de brinquedos, sendo que “uma de suas brincadeiras mais frequentes é abrir o pacote de um novo brinquedo, experimentá-lo, abandoná-lo e esperar pelo próximo” (p. 82).

Os pais muitas vezes compensam a sua ausência comprando presentes, falhando na interação com a criança, que fica sem possibilidades de criar um espaço de ilusão. Assim, com esta lacuna, a criatividade fica empobrecida e, conseqüentemente, os processos de simbolização podem ficar prejudicados, com a ação correndo na frente da reflexão.

A criança está sozinha com seus porquês e seus medos. “Solidão não significa não ter companhia, significa também não ser compreendido, não ser reconhecido” (Tonucci, 2019, p. 110). Alguns pais pensam que o mais importante para a criança é comer, dormir, cumprir as tarefas escolares e fazer a lição de casa. Também na escola ensinam às crianças que escutem, recordem e repitam. A isso chamam de “aprender”. Nesse aspecto, Silva (2008), inspirada em Tonucci, comenta que “as crianças não desejam estar sozinhas, querem estar

com seus pares e também com adultos/as capazes de escutá-las, capazes de reconhecer sua alteridade” (p. 263).

Para Tonucci (2019), a criança vive em “contínua contradição”, já que os adultos fazem exigências e dizem: “Feliz de você que é uma criança” (p. 142), e a convidam a pensar no seu futuro como adultos.

Penso que as diversas situações que Tonucci contextualiza são em sua maioria intrusivas e podem provocar na criança uma retração de *self* e, por que não dizer, um falso *self* adaptativo. São essas situações que constroem muros e não pontes. E daí o risco do sentimento de solidão ou uma incapacidade de estar só. As crianças ficam impossibilitadas de percorrer a ponte de uma forma espontânea e criativa. Chegam até o mundo externo empurradas, pulando a ponte.

O futuro

Já dizia Winnicott (1997), no livro *Família e desenvolvimento individual*, o quão importante é não situar as crianças pequenas numa posição demasiado avançada para elas. A criança carece de um grau de adaptação ativa às suas necessidades que só pode ser provida se um adulto devotado estiver cuidando de tudo.

Todos queremos tornar possível que cada indivíduo encontre e estabeleça sua identidade de maneira tão sólida que, com o tempo, e a seu próprio modo, ele ou ela adquira a capacidade de tornar-se membro da sociedade – um membro ativo e criativo, sem perder sua espontaneidade pessoal nem desfazer-se daquele sentido de liberdade que, na boa saúde, vem de dentro do indivíduo. (Winnicott, 1997, p. 40)

“As pessoas precisam viver livres para viver com imaginação. A liberdade é algo fundamental, que descobre nas pessoas o que elas têm de melhor” (Winnicott, 1997, p. 44). Infelizmente, alguns indivíduos não podem viver em liberdade, por terem vivido muitas situações intrusivas, temem a si mesmos e ao mundo.

Quando recorro a Winnicott para refletir sobre liberdade, ressalto que não estou me referindo a uma liberdade solitária, adquirida precocemente, ou a uma liberdade não acompanhada, mas sim uma liberdade conquistada pela presença dos pais. Estes precisam olhar, acompanhar e interagir mais com seu(s) filho(s), com respeito ao seu processo de amadurecimento no seu tempo; e, assim, deixar que sigam o seu próprio caminho percorrendo a ponte, e que encontrem o verdadeiro estado de independência, sem pular etapas.

Penso que a verdadeira capacidade de estar só será incrementada se a criança tiver oportunidade de fantasiar, imaginar e criar na presença de um adulto cuidador que cultive a liberdade, e que não provoque a intrusão do abandono, da negligência, da exigência, da cobrança, do excesso de tarefas, da falta de limites. A verdadeira capacidade de estar só é uma conquista que tem como base a presença do outro, ou seja, da família. Não me refiro apenas à presença

física, mas sim a uma presença conectada às necessidades evolutivas da criança, e ao mesmo tempo, não invasiva ou intoxicante. Somente assim poderemos dizer: “Como é bom ser criança”.

Referências

- Abram, J. A. (2000). *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Aquino, J. T. G. (2015). A infância como solidão: mutações da experiência educacional contemporânea. *Educ. soc. Campinas*, 36, 427-444. Recuperado em 5 jun. 2023, de <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302015132950>
- Dias, E. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fernandes, C. G. (2018). O sentimento de solidão: um passeio nas origens. *Psicanálise em Revista*, 11(1), 29-42.
- Romão-Dias, D., & Nocolaci-da-Costa, A. M. (2012). O brincar e a realidade virtual. *Cadernos de Psicanálise*, 34(26), 85-101.
- Silva, M. R. P. (2008). O protagonismo infantil na obra de Francesco Tonucci. *Educação & Linguagem*, 11(18), 261-264.
- Tonucci, F. (2019). *A solidão da criança*. Campinas: Ciranda das Letras.
- Veschi, B. (2019). Etimologia de Solidão. *Etimologia: origem do conceito*. Recuperado em 5 jun. 2023, de <https://etimologia.com.br/solidao/>
- Winnicott, D. (1988). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2011). A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: determinantes e consequências. *Temas em Psicologia*, 19(2), 491-502.